

ROCHA PEIXOTO

A Terra Portugueza

(CHRONICAS SCIENTIFICAS)



PORTO
LIVRARIA CHARDRON
DE LELLO & Irmão, EDITORES
—
1887

ROCHA PEIXOTO

A Terra Portugueza

(CHRONICAS SCIENTIFICAS)



PORTO
LIVRARIA CHARDRON
DE LELLO & IRMÃO, EDITORES

1897

XVIII

O MUSEU DA RESTAURAÇÃO

Faz agora precisamente seis annos que uma associação scientifica installada aqui no Porto, a *Sociedade Carlos Ribeiro*, iniciava os seus trabalhos com uma campanha tão rija como innocente contra a deploravel situação d'um museu que a camara municipal mantem ali na Restauração. Passo pela vista o opusculo inicial; e é com magoa que recordo o que eram então os seis rapazes que imaginaram d'essa vez, por todos os meios d'uma lucta bravia dos vinte annos e com uma propaganda incessante e ardente, estabelecer um nucleo de indagação e elaboração scientificas, n'uma terra sem passado de curiosidade e de saber. Foi um largo programma esse que presidiu á acção da *Sociedade* e á sua intervenção, pelo opusculo, pela monographia e pela revista, nos proble-

mas de sciencia pura, nas suas applicações technologicas e na elaboração de leis organicas de instituições a crear—museus, laboratorios e escolas. Por uma previsão inconsciente, n'esse periodo de esperanças a findar e a substituirem-se breve pelos desenganos motivados da fereza dos homens—de vocês todos—alguem consignara ao tempo a prioridade das intenções que reuniram esse grupo, bem unido mas ephemero, a vida dura dispersando-os logo, e rapido denunciando-lhes o que na sciencia official é frequentemente convenção e modo de vida, *blague* ou pantomina.

Ao tempo, Bazilio Telles, que, com Julio de Mattos, assumira a direcção d'esse grupo, justificando o esforço tentado e explicando o papel dos moços n'um periodo em que a sociedade portugueza avançava para a irreparavel crise que está a acabal-a, escrevia, o illustre publicista, na *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, estas palavras de virilidade e de animo: «Ora a uma sociedade assim estiolada, em cujo seio ha muito que se seccaram as fontes da inspiração poetica, arrastada, posto que talvez a seu pesar, na corrente do industrialismo europeu, não é em verso que se fala, não é com impressionismos, nem symbolismos, nem outras formas extravagantes da nevrose de alguns e do pedantismo de quasi todos que se cura. A critica do seu estado, o ba-

lanço exacto das suas energias progressivas, não o fará ella certamente mediante scepticismos de boulevard, importados com os ultimos figurinos de Paris, ou pessimismos de escola transplantados, com os ultimos livros indigestos, da caserna d'Além-Rheno. Scepticismo e pessimismo só teem direito de professal-os os povos que teem vivido e os povos que teem pensado; e Portugal ha tres seculos que não vive e que não pensa. Esse exame de consciencia, se tiver um dia de ser feito, só o tentará virilmente a sociedade portugueza, quando, posta de lado a velha ferramenta theologica, se resolva a atacar de frente os grandes problemas da sciencia, acceitando as inevitaveis consequencias a que logicamente conduzem. E d'esses problemas, constante preocupação do pensamento contemporaneo, nenhuns mais complexos e mais graves, nenhuns que levem as sociedades que os agitam a mais radicaes transformações no seu modo de existir, que os problemas das sciencias naturaes e sociaes.»

E o certo é que os rapazes lograram, mercê do ruído e da audacia com que surgiram, fazer-se reparados e attendidos na propaganda contra o estado do museu, se não n'uma remodelação definitiva, ao menos em passos que, platonicamente, representaram um triumpho do ardor e da sinceridade da campanha. Mas contemos do principio.

O inglez João Allen organisára, á custa de buscas incessantes e de largos dispendios, um museu, rico em telas, interessante, como collecção particular, em certos productos naturaes, pittoresco e curioso em raridades e antigualhas. Para o alojamento respectivo fizera construir um predio em 1838, precisamente o mesmo que, na Restauração, ainda alberga as collecções municipaes, 55 annos já passados. Morrendo, obteve-se que a camara o comprasse por uns 19 contos, sendo previamente louvado, entre outros, por João Baptista Ribeiro, o mesmo que, em 1833, organisando o *Museu Portuense* com o espolio dos conventos, dava os primeiros passos para a inauguração ulterior (1836) das academias de Bellas-Artes de Lisboa e Porto. Adquirindo-o a camara em 1850, só dois annos depois é que appareceu a publico o regulamento sob cujos preceitos deveria correr a administração do novo instituto municipal, regulamento esse que, elaborado pelo snr. Eduardo Allen, definia o logar evidente do estabelecimento, a sua importancia e os seus effeitos educativos.

Então nada havia de similar aqui no Porto; e mal imaginára o snr. Allen como era vã a chimera do seu programma e como afinal fôra em pura perda semelhante indiferença tão typicamente portugueza. Já n'essa epocha o primeiro director pensara em promover o desen-

volvimento das collecções relativas á mineração, «que promette ser transcendente para o futuro economico da nossa terra», e crear collecções de productos naturaes e artificiaes do reino e suas possessões, de machinas empregadas na agricultura e na industria fabril do paiz, da flora portugueza e ultramarina, um gabinete de physica, um laboratorio chimico, uma galeria de esculptura, etc. Assim vasto este programma, e hoje impraticavel n'uma só instituição, tanto as funcções se apartam e autonomisam, certo que havia ao tempo uma boa vontade a comprehender o prestimo d'estes meios multiplos de entendimento e de trabalho. A camara, que não comprehendeu, approvou. E para tudo, mobiliario, acquisições, premios e vencimentos do director e do guarda, votou a verba—pensem n'isto—de 356\$000 réis annuaes! Ora, ainda hoje, com differença d'uma centena de mil reis ou pouco mais, é que a camara municipal do Porto mantem o seu museu!!!

As collecções de João Allen em pouco foram accrescidas, naturalmente, no periodo de 43 annos que decorre desde a sua compra. Ha 41 annos já o sr. Eduardo Allen pedia com instancia a construcção d'um edificio proprio e sufficientemente amplo para ácondicionar o que então havia, de sorte que a disposição das telas e dos objectos podesse ser aproveitavel

e util para os visitantes. Mas tudo ficou como ainda se conserva hoje. Em tal predio e com taes recursos o museu está, pois, nas mesmas condições em que o deixou o fundador.

Ora este nucleo de museu publico, que poderia ser hoje uma das mais valiosas instituições nacionaes, simultaneamente instructiva e de prazer, tinha, como collecção particular, um alto interesse. As collecções de naturaes, excepção da das conchas—umas 20:000—e da dos minerios, curiosa esta não tanto pela quantidade como pela excellencia de bastantes exemplares, são insignificantes e não teem deveras importancia attendivel. O medalheiro, que com pequenos recursos poderia ser de ha muito o primeiro do paiz, abrange, ainda assim, 7:500 moedas e medalhas e vale cerca de seis contos de reis. Ha ainda peças archeologicas e ethnographicas, raras e boas. Mas no que urge fixar a attenção é na esplendida galeria de quadros amontoados como n'uma feira e occultos pela macacada pôdre que lhes communica os bolores e o estrago em poucos annos. Extraio os periodos seguintes d'umas cartas que ao tempo da campanha da *Sociedade Carlos Ribeiro* me escrevia, na *Provincia* (1887), Xavier Pinheiro, o saudoso e illustre artista extincto:

«E' um museu d'esta ordem: possui um soberbo retrato do grande Van Dyk (361), que

vale uma forte duzia de contos; possui uma das mais admiraveis paisagens que conheço (365)—bosque, com uma clareira, onde um grupo de cavalleiros passa—paisagem cheia de silencio e magestosa; esta paisagem, evidentemente flamenga, poder-se-ia collocar ao lado das melhores de Ruysdael.

«E quem era Ruysdael, senhores municipes? Um pintor de paisagens de que hoje se paga cada palmo de tela por meia duzia de contos de reis!

«E' um museu d'esta ordem: possui os mais bellos pasteis de Pillement, o grande mestre pastellista; possui o mais surpreendente, o mais imprevisto, o mais bem feito quadrosinho flamengo que meus olhos tem visto (43) e defronte do qual, não ha muito tempo ainda, um illustrado estrangeiro, habituado ás deliciosas coisas do Louvre e de Amsterdam, irrompia cheio de admiração.

«E' um museu que possui uma boa collecção de Sequeira's, o nosso primeiro artista; que possui uma grande porção dos melhores trabalhos de Vieira Portuense, entre os quaes o seu celebre *Christo*; que possui um admiravel Grão-Vasco; que possui uma inestimavel quantidade de finos, de esplendidos, mesmo, quadros flamengos, interiores, marinhas; que possui o mais surpreendente retratinho, estylo Clonet (344); que possui dois ou tres bel-

los esbocetos de Roquemont, entre os quaes o notavel retrato de barrete encarnado; que possui — oh! delicada e espiritalisada pintura! — dois extraordinarios quadros de flôres do Jesuita de Anvers, com figurinhas de Schut e que trinta contos não pagariam certamente (145, 269); que possui uma rara collecção de naturezas mortas, que possui representados quasi todos os pintores portuguezes até meado d'este seculo, que possui tantas apreciaveis obras anonymas... Uma galeria d'esta ordem, meus senhores, é positivamente uma grande e uma bella galeria.»

Mas os intuitos da *Sociedade Carlos Ribeiro* eram puramente scientificos e a revolta attingia exclusivamente a pobreza menos que mediocre dos productos naturaes. Nós queriamos para alli — rapazelhos de vinte annos e ingenuos a fazer de feras — a colleccionação de tanto documento archeologico por ahi disperso; a salvação, pela photographia e pela memoria, quando a acquisição fosse impossivel, de tanto monumento arrazado pela ignorancia indigena; nós queriamos amostras de rochas e minerios ali patentes do solo d'esta patria; nós queriamos, em livros, toda uma flora nacional, etiquetada e descripta, a revelar-nos a vegetação da nossa terra; nós queriamos que se dispozessem os elementos faunisticos que mais

nos interessam, os mammiferos, as aves e os insectos nocivos e uteis, os reptis damninhos, os peixes que podemos comer ou utilizar industrialmente, os molluscos e os crustaceos comestiveis, todo um livro aberto do que Portugal ou, pelo menos, a região áquem Mondego, possui de importante, util ou funesto, para a vida economica d'este povo. Indignava-nos, mais, a promiscuidade torpe d'esse armazem impudico que ainda um maior impudôr camarario permittia aberto: aranhas e espingardas, minerios e pintasilgos, cães de massa e leques, sapatos e estrellas do mar, polypos e cabellos de D. Ignez de Castro, sardões e areias do Mindello, tudo isso que os senhores podem vêr, para entristecerem, das 10 ás 4 da tarde. Tolos que nós eramos, entre uma gente insciente e finda!

Uma rija campanha nos jornaes promoveu, na sessão de 18 de novembro de 1887, a nomeação d'uma commissão composta dos snrs. Azevedo Maia, Luiz Woodhouse, Oliveira Monteiro e Silva Pinto, aos quaes, pouco depois, se aggregavam os snrs. Amandio Gonçalves, Joaquim de Vasconcellos e Marques de Oliveira; mais tarde era votada, no orçamento de 1889, uma verba de 40 contos para o acabamento do edificio de S. Lazaro, ha muito, então e ainda hoje o melhor logar a

escolher para o Porto installar o seu museu, se isso deveras o interessasse.

O primeiro relatorio a sahir fôï o do snr. Amandio Gonçalves, o illustre e querido professor de todos nós, incumbido, por uma parte da commissão, do que dizia respeito ás sciencias naturaes; mais tarde o snr. Joaquim de Vasconcellos publicava o seu, relativo principalmente á archeologia, ethnographia e bellas-artes. No primeiro propunha-se a passagem das suas collecções para a tragica miseria da Academia Polytechnica, ao tempo completamente desajudada de recursos; no segundo projectava-se a criação de sete secções: pintura e estatuaria, artes decorativas e industriaes, prehistoria, numismatica, ethnologia, etc. Como sempre acontece, cada grupo tratava de desenvolver a secção que mais lhe importava e por fim os trabalhos não condiziam, os programmas eram excessivamente vastos, as dotações arripiantes.

N'isto cabe a camara.

Nunca mais alguem ouviu falar na remodelação do museu, na ampliação do predio da bibliotheca, na conciliação dos propositos exarados nos relatorios; nem estes foram presentes em sessão! E afinal, nada mais facil. As conchas e os minerios, unicas collecções historico-naturaes validas, deveriam passar, mediante contracto, para o estabelecimento

de ensino onde mais particularmente interessassem, a Academia Polytechnica; os quadros e outros objectos artisticos, convenientemente dispostas e cuidadas as salas, constituiriam na Academia de Bellas-Artes a nossa galeria de arte; productos industriaes, excluidos, graças ao museu especial que já existe. Que fazer, pois? O museu regional dos productos d'este paiz, tão desconhecidos na generalidade, riquezas que os senhores mal imaginam que possuímos, no solo, na flora e fauna. Mal da oliveira e mal da vinha, doenças das arvores de fructo e das essencias florestaes, bicho da seda e mel da abelha, insectos nocivos aos cereaes, ás plantas hortenses, ás forragens e ás arvores de pomar, insectos auxiliares da agricultura, insectos, arachnideos e nematodes parasitas dos animaes domesticos, ostras, mexilhões, amejoas, camarões, lagostas e peixes comestiveis de producção a multiplicar e a desenvolver, reptís, aves e mamíferos com tanta indicação util ao agricultor, ao proprietario, ao obreiro, a todos nós, não está aqui obra aproveitavel, indispensavel, util, a emprehender e a realisar? Decerto que o Porto podia e devia ter duas ou tres salas para as suas moedas e antiguidades, para as suas curiosidades ethnographicas e outras; mas no museu de bellas-artes, principalmente, e no museu regional é que, com menos de seis

contos annuaes, a população d'esta terra encontraria recursos educativos verdadeiramente assignalaveis.

Pensavam assim os rapazes da *Sociedade Carlos Ribeiro*, ignorantes ainda da feição do homem publico que administra esta terra. E como eu deploro agora a alegria, o entusiasmo e a fé extinctas, sonhando todos um grande museu no logar onde a camara municipal do Porto mandou construir, para alugar muares e carros de limpeza, cavallariças!

INDICE

	Pag.
EXPLICAÇÃO PREVIA	5
I. A tatuagem em Portugal.	11
II. Ensino tecnico.	21
III. Passeios geologicos.	31
IV. O Bragança.	39
V. O bicho da seda.	49
VI. Antiguidades nacionaes.	59
VII. As Maias.	75
VIII. Um curso livre.	87
IX. Flora extincta.	99
X. O S. João.	109
XI. Livros d'aula.	123
XII. A inspecção militar e a anthropologia.	135
XIII. Os marmores de Vimioso.	145
XIV. Os ciganos de Portugal.	155
XV. As dunas.	167
XVI. O principe de Monaco.	179
XVII. As ostras.	189
XVIII. O museu da Restauração.	201
XIX. Carvão e ferro.	213
XX. A piscicultura em Portugal.	225
XXI. O Natal.	239
XXII. O vinho.	249
XXIII. As colonias e a opinião nacional.	261
XXIV. Ir p'ros estudos.	271
XXV. As abelhas.	283
XXVI. O cruel e triste fado.	293

LIVRARIA CHARDRON de Lello & Irmão

98, CLERIGOS, 98

Silva Pinto		Guilomar Torreção	
De palanque, annotações à vida portugueza con- temporanea, 1 vol.	600	Pizicatos, a sahir do prelo.	
No Brazil, 1 vol.	500	Abbate de Prevost	
Os jesuitas, 1 vol.	200	Manon Lescaut, 1 vol.	500
A' hora da lucta.	400	Bernardim Ribeiro	
Alfredo Mesquita		Menina e moça, 1 vol.	500
De cara alegre.	500	Bernardin de Saint-Pierre	
Teixeira Bastos		Paulo e Virginia, 1 vol. ...	300
A crise, 1 vol.	700	Casimiro d'Abreu	
Rumores vulcanicos, 1 vol.	500	Primaveras, 1 vol.	500
Theophilo Braga e a sua obra, 1 vol.	700	Renan	
Poetas brazileiros, 1 vol. .	400	Vida de Jesus, 1 vol.	600
Interesses nacionaes, a sa- hir do prelo.		Apostolos, 1 vol.	600
Julio Brandão		José P. Sampaio (Bruno)	
Pharmacia Pires, 1 vol. .	500	Notas do exílio, 1 vol. ...	600
Theophilo Braga		João Chagas	
As lendas christãs, 1 vol. .	700	Diário d'um condemnado politico, 1 vol.	500
Camões e o sentimentalis- mo nacional, 1 vol.	600	João Barreira	
Modernas ideias da litte- ratura portugueza, 2 vol.	1\$500	Estudos e phantasias, 1 v. em papel de linho na- cional com um <i>fusain</i> de Cellini.	700
Visão dos tempos, (epopéa da humanidade), obras poeticas completas, 4 v.	2\$400	Luiz de Magalhães	
Patria portugueza, 1 vol. .	600	Brazileiro Soares, 1 vol. .	700
Historia da litteratura por- tugueza: Introducção á historia da litteratura, 1 vol.	700	Arnaldo Gama	
Sá de Miranda, e a escola italiana, 1 vol.	700	Caldeira de Pero Botelho, 1 vol.	500
Bernardim Ribeiro, 1 vol.	700	Honra ou loucura, 1 vol. .	500
Gil Vicente, a sahir do prelo.		Filho do Baldaia, 1 vol. ...	600
In Memoriam — Anthero de Quental (homenagem dos seus amigos), 1 vol. em papel de algodão. . .	2\$000	Alexandre Dumas	
em papel de linho.	3\$000	A dama das camelias, 1 v.	400
		Ramalho Ortigão	
		John Bull, 1 vol.	600